

POESIA E CIDADE: NAS TRILHAS DA MODERNIDADE

Veronica Almeida Trindade (UEFS)

velmestradouefs6@gmail.com

Rosana Maria Ribeiro Patrício (UEFS)

rosanapatri@gmail.com

Aleilton Fonseca (UEFS)

aleilton50@gmail.com

1. Considerações iniciais

Para a compreensão da temática cidadina na obra literária, é preciso conhecer as grandes transformações em que passava o mundo no século XIX, em especial na sua segunda metade, período em que se acirraram as mudanças significativas em todos os setores, na economia, na política, na sociedade em geral principalmente na Europa e nos Estados Unidos onde o processo de industrialização modificou a “fisionomia das cidades” e trouxe também uma nova maneira de se “estar no mundo” da velocidade e da aceleração, como mola propulsora do desenvolvimento e progresso.

Mas foi notadamente com o poeta Charles Pierre Baudelaire, que a panorâmica das cidades ganhou um maior relevo ao conceber as massas como abstração e considerar: “Se multidão e solidão termos iguais e conversíveis a cidade não tem realidade objetiva”. (HYDE, 1989, p. 276)

No cenário da modernidade, o discurso poético foi marcado pelo *deslocamento* sofrido pelo poeta frente ao movimento e velocidade em que a cidade foi submetida pela nova ordem social, pela aceleração e pelo relevo das metrópoles notadamente no século XIX. O poeta moderno estava destituído do seu ofício lírico, simbolicamente *expulso* entrou em crise existencial, não havia mais lugar para ele em um mundo mercadológico, das engrenagens tecnológicas, regido pela política e economia. Por isso sentiu-se *deslocado* e isolado, sem muita utilidade no crescente ambiente de louvação às tecnologias, regido pelas políticas econômicas. O poeta não se insere nessa conjuntura por que sua poesia não está à venda e não é um objeto comercial, conforme Dias (2006) quando afirma que:

Na era moderna, em que a sociedade ocidental organiza-se e estrutura-se a partir de leis de mercado, que gravitam sempre em torno de noções como produtividade, lucro, competitividade, o artista vê-se excluído da sociedade bur-

guesa, em virtude de não se encontrar diretamente inserido na estrutura de produção de bens materiais de consumo. (DIAS, 2006, p. 53).

Nesse sentido, o poeta se distancia da sua posição áurea, de “divindade” e começa a percorrer as ruas da cidade e observar as multidões passarem apressadas a pé ou com seus automóveis em sua frenética busca pelo progresso. O poeta nesse cenário situa-se a margem, perdido na nova cidade, isolado, é apenas mais um em meio na multidão. Quanto à condição do poeta na modernidade Fonseca (2000) diz que:

Pode-se afirmar, então que, na nova cidade, o poeta moderno vive uma situação de *deslocamento*, em que experimenta uma mudança de direção, um desvio de sua natureza primordial. Nenhuma palavra define melhor a condição do poeta no mundo moderno, como essa, *deslocamento*. O poeta moderno é *deslocado*, aquele que está fora de lugar, desarticulado, o seu ofício parece fora de propósito, num mundo organizado em torno da produção e do consumo de mercadorias. (FONSECA, 2000, p. 45).

Após conscientizar-se de que o mundo mudou e de sua condição de não pertença nesse cenário, de sua posição de *deslocado*, da perda do halo, mesmo situando-se a margem, aos poucos, o poeta consegue ver as imagens da cidade moderna e contextualizá-las em seu ofício lírico através da possibilidade do olhar.

De fato, esse estar “à margem” converte-se em lugar e ponto de vista de participação, onde se situa o olhar de combate e de resistência ao domínio do mundo pela lógica da ordem burguesa. A posição do poeta torna-se deveras ambígua: *deslocamento* como forma de participação, não *locus* como lugar simbólico de inserção significativa e dissidente. (FONSECA, 2000, p. 50)

Nesse sentido, ao se conscientizar de sua condição e “superar” sua crise existencial, o poeta da modernidade tenta aos poucos estabelecer sua *pertença* no mundo moderno regido pelas políticas econômicas e mercado. É nas cidades onde acontece todo o enredo da existência humana devido à pluralidade de vozes que dissona e a diversidade cultural que a configuram, assim nasce a poesia moderna nesse contexto em que se valoriza o tempo, o instante e busca-se a aceleração do progresso. Essa poesia brota das ruas surge com Baudelaire e caracteriza a modernidade no século XIX.

O poeta moderno procurou olhar para as massas apressadas, para o movimento das ruas, para o inevitável progresso, com um sentimento contraditório de desejo e repulsa e assim buscou desesperadamente por sua poesia. Dessa forma, a poesia começou a ganhar uma nova roupagem e dar lugar a vozes “ainda desconhecidas”, a “imagens ainda não vistas” e surge nas ruas, através do vai e vem das pessoas, do cotidiano.

Ao captar o instante, e descrevê-lo poeticamente, o poeta moderno começou a perceber que sua poesia brotava e estava ali mesmo, nas cidades modernas, consolidando-se no cotidiano e assim buscou traduzir o instante e captar os eventos humanos ocorridos na metrópole.

De uma posição deslocada, portanto, o olhar atento do poeta recolhe as imagens da cidade, situando-as no horizonte de seu processo criativo como algo ao mesmo tempo estranho e íntimo, que desperta fascínio, medo ou mesmo repulsa, diante de *La beauté moderne*. (FONSECA, 2000, p. 47)

As cidades na perspectiva do *deslocamento*, de movimento, trás consigo uma gama de episódios onde destacamos a complexidade do ambiente urbano, bem como dos sujeitos que o compõem. Charles Baudelaire conseguiu como ninguém traduzir sua época e trouxe o estabelecimento de uma poesia nova que lê e traduz o cotidiano no instante, abrindo caminhos posteriormente, para o surgimento de uma poesia contemporânea que tenta desestabelecer e estabelecer as relações entre os homens. Na modernidade, tentava-se rever através de trajetória pessoal compreender o presente, o coletivo e verbalizar. E isso fez o poeta da modernidade Charles Baudelaire ao tentar entender e transmitir seu tempo e sua crise existencial.

Em Fraga, na contemporaneidade, nota-se a evocação de um tempo passado, porém ressignificado através de imagens urbanas e paisagens ecológicas reconstruídas pela sua lírica. Seus personagens são reconfigurados através das possibilidades da literatura e transitam entre o “real” e “o imaginário” nas cidades. A autora tenta verbalizar em sua poesia o drama da existência humana e as cidades como lugar dos acontecimentos.

2. *As imagens da cidade de Salvador em Myriam Fraga: a paisagem, a cultura, o elemento humano*

As paisagens urbanas, naturais e ecológicas, problematizadas nos poemas de Fraga, poderão ser pensadas através da literatura uma vez que, abre um leque de possibilidades para se pensar à realidade seja através da poesia ou ficção e os sujeitos sociais através da linguagem, uma vez que, a problematização da paisagem como processo cultural possibilita um diálogo com as diversas áreas de conhecimento como a história, a semiologia, geografia e antropologia.

A lírica fragueana ganha destaque pela maneira peculiar em que apresenta seus poemas em uma voz que traduz o imaginário coletivo na

dissonância da contemporaneidade plural e diversificada, bem como, traz a temática cidadina evidenciada através de imagens da paisagem urbana e ecológica com enfoque para as ações humanas no que tange as configurações e desconfigurações dessas paisagens que se prolongam até o presente século.

Essas problemáticas devem ser estudadas e repensadas a partir do presente e das experiências passadas seguindo sempre a linha de busca de um futuro mais sustentável e um presente articulador. Nesse sentido, faz-se necessário pensar as paisagens urbanas e naturais enfatizando a condição humana e o local da cultura, onde as ações do humano no seu espaço se transformam na medida em que interagem entre si e com ambiente em que se insere.

Assim, a problematização da paisagem urbana e natural como processo cultural se dá também com suporte na subjetividade da literatura uma vez que, confronta imagens “reais” e “irreais” ou imaginadas, a fim de fomentar uma reflexão crítica a respeito da complexidade e/ou interação entre espaço urbano, natural, ecológico e o “território” poético no que tange a configuração do lugar e da cultura urbana. Sobre a relação da paisagem e do sujeito humano e a complexidade entre natureza e cultura Alves (2010) diz que:

No tecido literário contemporâneo, tão marcado pela visualidade, a presença ou ausência da paisagem revela fortemente leituras críticas do mundo, da linguagem e do sujeito, e os estudos decorrentes buscam examinar a relação complexa entre natureza e cultura, expondo experiências de perda, de deslocamento ou, por outro, de reconhecimentos de singularidades culturais num tempo de massificação e indiferenciação identitárias. (ALVES, 2010, p. 8).

Nessa perspectiva, os versos fragueanos são peculiares por que trazem, através da palavra, uma grande variação de elementos que conduzem o leitor a passear pela cidade e vê as paisagens. Um discurso que traduz a dimensão das imagens urbanas e ecológicas e seus paradoxos. Nessa perspectiva, Alves (2010) faz uma reflexão sobre o lugar da poesia a respeito da relação entre as configurações paisagísticas e os processos de subjetivação no que tange a dialética entre natureza e cultura:

Na poesia, a questão da paisagem como bem cultural também pode ser percebida e perseguida simultaneamente como tema e forma estrutural num viés de reflexão ou no eixo de relações que se desenvolve em múltiplos aspectos desde o romantismo, atravessando o modernismo, as vanguardas até chegar a modernidade. (ALVES, 2010, p. 12)

As relações do homem com o ambiente são elementares para a configuração de mundo no sentido de aldeia global a ser repensada. E a concepção de mundo pautada a partir da própria percepção da paisagem como lugar indissociável dos elementos físicos, biológicos e humanos, se dá na lírica fragueana em uma perspectiva topofílica em consonância com a linguagem subjetiva da poesia que retrata cenários de acontecimentos em contínua evolução pela ação humana e do conjunto de elementos internos e externos que fazem parte da constituição do universo. Nesse sentido, a percepção de lugar pode ser entendida se discutida culturalmente e através da subjetividade poética, da experiência, dos fenômenos decorrentes da atuação do homem com a natureza e sua cultura, como agenciador de transformações.

Myriam Fraga “navega” por lugares distantes e em sua lírica traz a experiência e a memória como representação das vivências coletivas, concebe a paisagem em uma percepção que traduz entre o “real” e o imaginário, elementos ecológicos, naturais para constituir uma poesia atual que dialoga e faz releituras do passado em função do presente pondo-o sempre em causa, para assim conceber o futuro como seguimento da história do presente. Fraga em seus encantos líricos descreve a paisagem urbana e sua complexidade através de seus arranjos líricos envolvendo questões ambientais, de identidade e memória. Para Le Goff (1996, p. 224), “o futuro, tal como o passado, atrai os homens de hoje, que procuram suas raízes e sua identidade, e mais que nunca fascina-os”.

Myriam Fraga também capta os eventos do presente sob a perspectiva do mítico em uma abordagem onde ressignifica através de características femininas, as figuras mitológicas clássicas, greco-romanas atuando-as. Descreve a paisagem cidadina, seja urbana, rural, natural ou rústica no sentido de situar o elemento humano entre o espaço da memória, o imaginário e a mescla do “lugar real” com o “lugar ideal”, utopicamente materializado e desejado conforme nota-se na primeira estrofe do poema “*A Cidade*”:

Foi plantada no mar
E entre corais se levanta
O salitre é seu ar,
Sua coroa, sua trança
De salsugem,
Seu vestido de ametista,
Seu manto de sal
E musgo.

(*Poesia Reunida*, 2008)

As imagens cidadinas trazem através da lembrança evocações históricas recheadas pelo imaginário traduzindo novas imagens urbanas e paisagísticas. Através do cotidiano citadino, são evidenciados os fenômenos culturais e urbanos no que tange as ações humanas no lugar, pela criação da autora que incursa entre a “cidade real”, “irreal” e a “cidade ideal” na tentativa de buscar traduzir a “alma das cidades”.

Não fosse imaginada
Profecia, face e apelo
Das inscrições lapidares,
Palimpsesto ou astrolábio
Na pedra, na cal, nos muros,
Fendida casca de mundo
Coagulado em memórias,

Restavam ossos e nomes,
Desassistida batalha
Contra o tempo. E esta cidade,
Com seu signo, seu quadrante
De cristal,
Sua mensagem de calcário,
Desfeita em vaga ou soluço,
Mergulharia no espaço,
Pássaro alado, albergália.

(*Poesia Reunida*, 2008)

Assim o imaginário social é descrito em sua lírica, em seus cantos, encantos e recantos oferecendo possibilidades para se vê paisagens “ainda não vistas”, possibilitando também uma abordagem que segue para o reconhecimento dos sujeitos sociais, do coletivo, no lugar como projeção e em muitos de seus personagens que atuam nos espaços que traduzem a condição humana e a cultura.

Na literatura fragueana, podemos identificar diversos aspectos que partem desde o ficcional, (que não seria necessariamente o irreal) à realidade coletiva na descrição citadina. Essas manifestações são percebidas, criadas e recriadas por leitores e dão à obra uma materialidade que se mescla entre o imaginário, as imagens e o real. Em relação às transformações ocorridas nas cidades e as imagens produzidas no lugar Pesavento (2002, p. 15), citando Lucrécia D’Aléssio Ferrara, reafirma que:

As transformações econômico-sociais deixam na cidade marcas e sinais que contam uma história não verbal pontilhada de imagens, de máscaras, que tem como significado o conjunto de valores, usos e hábitos, desejos e crenças que misturam, através do tempo, o cotidiano dos homens. FERRARA, (apud PESAVENTO, 2002, p. 15)

De acordo com as ideias de Sansot sobre a construção da memória coletiva referida ao espaço urbano, Pesavento (2002, p. 17) nos instiga ironicamente, a pensar:

[...] se cabe, finalmente, distinguir as imagens “reais” das “criadas”. Se tudo o que se vê e se experimenta é, por sua vez, recriado enquanto sensação, revivido enquanto memória articuladora da lembrança e decodificado em seus significados, a atribuição de sentido a imagens poderá depender do ponto de vista ou do lugar de quem vê e de como sente aquilo que se apresenta. (PESAVENTO, 2002, p. 17).

Nessa perspectiva, a lírica fragueana circunscreve uma trajetória literária onde as tessituras da memória transitam em um ambiente onde o velho e novo configuram em sua trama a atualização do passado e verbalização do presente, reconstruído em uma voz dissonante que instiga sua poesia.

3. Considerações finais

As leituras de Miriam Fraga sobre “cidade” apontam para um passado perdido que vai surgindo no rústico conforme citado. Um passado onde a natureza esculpiu uma cidade harmônica que brotava para ser “senhora” (Salvador), em um imaginário que vai sendo descrito em sua lírica e vai se transformando na medida em que a cidade “nasce” e se constitui como cidade. Assim parte desde um plano longínquo à sua caracterização contemporânea, onde as cidades encaminham-se para um previsto caos representado pela literatura de que já falava Baudelaire, onde o sujeito não se reconhece e é gerado um sentimento de não pertença.

Nesse sentido, a cidade burguesa surge de uma organização mal estruturada, repleta de lacunas não preenchidas, de sonhos sepultados que desarmonizam o humano dos seus espaços e de si mesmo. Essa “desestruturação” trazida pela Revolução Industrial gerou contingentes humanos que continuaram se aglutinando em urbe e isso consolidou certo desequilíbrio urbano provocando uma série de questões refletidas na contemporaneidade.

Nessa perspectiva, as cidades foram “inchando”, ou seja, a população urbana aumentava e os problemas de urbanização desde esse período já eram questões mal resolvidas. Os problemas sociais como falta de moradia, saneamento, saúde eram uma evidência e o poeta Baudelaire retratou esses nuances em sua poesia moderna. Em função disto, era inevi-

tável a consolidação de dois grandes “retratos” bem desenhados para sugerir a imagem cidadina: A cidade desenvolvida, adornada, movimentada e a cidade da margem, com todos os problemas de moradia, saneamento. Ou seja, as disparidades sociais existiam em uma mesma cidade que se divide em “duas”, consequência da divisão de classes que persiste desde o período feudal. Essas imagens representam na contemporaneidade a “fisionomia das cidades”, com o seu esplendor e com e com suas mazes.

Na contemporaneidade, o contexto da velocidade nunca esteve tão acentuado. O poeta já distingue sua condição de trabalhador comum que cumpre suas obrigações em uma empresa, exerce sua profissão, tem família e é poeta. Sua divindade já foi perdida desde a efervescência da modernidade, no entanto o poeta contemporâneo não encontra espaço para expressar sua poesia, ou melhor dizendo, não encontra evidência para sua poesia vista como algo de valor categórico. No entanto, alguns poetas resistem nesse mundo avassalador onde “tempo é dinheiro” e as pessoas estão na maior parte do tempo ocupadas com suas prioridades.

Fraga instaura sua poética descrendo entre outras temáticas a cidade como *locus* ideal dos acontecimentos do cotidiano humano. A cidade ocupa posição de destaque associada a noções de paisagem urbana e natural na qual utiliza elementos ecomarinhos para inscrever sua lírica através da memória e do imaginário. A autora também utiliza elementos mitológicos ressignificados e imagens femininas para circunscrever a sua poesia.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALVES, Ida Ferreira; FEITOSA, Marcia Maria Miguel. (Orgs.). *Literatura e paisagens: perspectivas e diálogos*. Niterói: UFF, 2010. Disponível em:

<http://edicoesmakunaima.com/images/livros/literatura_epaisagem.pdf>.

ANDRADE, Antonio. Paisagem, toda a terra: sobre a poesia de Ruy Be-lo. In: ALVES, Ida Ferreira; FEITOSA, Marcia Maria Miguel. (Orgs.) *Literatura e paisagens: perspectivas e diálogos*. Niterói: Ed. UFF, 2010.

BRADBURY, Malcolm; MACFARLANE, James. *Modernismo: guia geral (1890-1930)*. Trad. Denise Bottmann. São Paulo: Cia. das Letras, 1989.

DIAS, Márcio Roberto Soares. *Da cidade ao mundo: notas sobre o lirismo urbano de Carlos Drummond de Andrade*. Vitória da Conquista: U-ESB, 2006.

FRAGA, Myriam. *Poesia reunida*. Salvador: Assembleia Legislativa do Estado da Bahia, 2008.

FONSECA, Aleilton, PEREIRA, Rubens Alves. (Orgs.). *Rotas e imagens: literatura e outras viagens*. Feira de Santana: UEFS, Coordenação de Literatura e Diversidade Cultural, 2000.

FONSECA, Aleilton. O poeta na metrópole: “expulsão” e deslocamento. In: ____; PEREIRA, Rubens Alves. (Orgs.). *Rotas e imagens: literatura e outras viagens*. Feira de Santana. UEFS. Coordenação de Literatura e Diversidade Cultural, 2000, p. 45-48.

HYDE, G. M. A poesia da cidade. In: *Modernismo: guia geral (1890-1930)*. Trad. Denise Bottmann. São Paulo: Cia. das Letras, 1989.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. *O imaginário da cidade: visões literárias do urbano – Paris, Rio de Janeiro, Porto Alegre*. Porto Alegre: UFRGS, 2002.

LE GOFF, Jaques. *História e memória*. Trad.: Bernardo Leitão et al. 4. ed. Campinas: UNICAMP, 1996.